

## **Literatura de cordel \***

**(Fonte: O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 191.)**

Apesar das novas e sofisticadas tecnologias de comunicação, no Ceará o povo ainda dá mais crédito a um bom folheto de versos. Literatura de cordel, como chamam os estudiosos. Narrações metrificadas e rimadas tendo por tema histórias de amor e heroísmo, crônicas de casos intrigantes e misteriosos, reportagens de fatos desastrosos e de feitos miraculosos, crítica de costumes, gracejos, enfim, todas as infinitas facetas da vida popular. No cordel tudo adquire um gosto especial.

Juazeiro do Norte, até os anos 60, foi sede da maior editora e distribuidora de literatura de cordel do país, a tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva. Hoje, sua tradição é sustentada pela Lira Nordestina, editora dirigida pelo poeta Expedito Sebastião da Silva, em pleno funcionamento na cidade do Padre Cícero.

O folheto de cordel, na sua forma tradicional, mede geralmente 11 cm por 16,5 cm. É impresso em papel jornal. Sua capa, confeccionada em xilogravura ou clichês tipográficos contendo antigas estampas, representa ela somente todo um ciclo de criações artísticas. Stênio Diniz, no Juazeiro, e Walderedo Gonçalves, no Crato, estão entre seus criadores mais notáveis.

A venda do folheto de cordel, também ela, assume uma expressão artística peculiar. Os bons vendedores (sendo ou não eles também poetas) constituem-se verdadeiros atores e mestres na arte de narrar. Perambulam por praças, mercados, feiras e esquinas movimentadas, onde levantam suas tendas ou, simplesmente, abrem suas malas. Atraem seus fregueses contando, muitas vezes em forma de canto, trechos dos folhetos de seu acervo.

No passado, edições de cordéis chegavam a centenas de milhares de folhetos. Hoje, alcançam apenas alguns poucos milhares. A maior parte das edições são de clássicos. Mesmo assim, em várias regiões do Estado, aparecem novos autores e ilustradores de capa. Através deles, o cordel se mantém vivo e renovado.

---

\* O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 191.